



**AFPLP**  
ASSOCIAÇÃO DE FARMACÊUTICOS  
DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

25

ANOS A ABRIR  
CAMINHOS



25

ANOS A ABRIR  
CAMINHOS

1993 · 2018

**AFPLP**

ASSOCIAÇÃO DE FARMACÊUTICOS  
DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

25

ANOS A ABRIR  
CAMINHOS

**1** PREFÁCIO  
Luis Amado  
7

**2** NOTA  
INTRODUTÓRIA

Maria da Luz Leite  
13

**3** FARMACÊUTICOS  
UNIDOS PELA  
LÍNGUA COMUM

Paulo J. Martins  
17

**ÓRGÃOS SOCIAIS  
DA AFPLP**

61

# 4 DOCUMENTOS

Código deontológico farmacêutico

71

Falsificação de medicamentos

75

Doação de medicamentos

79

Timor-Leste

83

VIH/SIDA

85

Controlo de resistências  
a medicamentos anti-microbianos

89

Intervenção farmacêutica no reforço  
da adesão a terapêuticas de longa duração

93

O compromisso dos farmacêuticos  
com o combate do VIH/SIDA

97

Desafios para a formação  
dos farmacêuticos no séc. XXI:  
conhecimentos e competências

101

A qualidade e segurança  
dos medicamentos

105

Intervenção farmacêutica  
no âmbito do VIH/SIDA

109

Contrafacção de medicamentos:  
um desafio global

115

Boas práticas de Farmácia

119

Carta da Farmácia e dos farmacêuticos  
dos países de língua portuguesa

129

Medicamentos falsificados

133

Ferramenta para a inspeção visual  
de medicamentos

139

Intervenção farmacêutica no âmbito  
da resistência antimicrobiana

147



# PREFÁCIO

Lisboa, 18 de Setembro de 2019

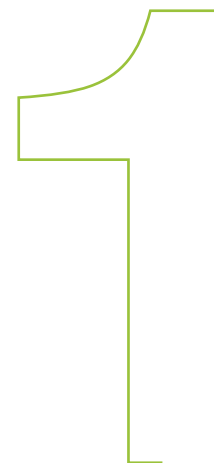
Vivemos um momento de profunda transformação nas relações internacionais, nas relações entre povos, culturas, religiões, antecipando uma nova era da humanidade em risco.

As ameaças que pairam sobre o futuro do planeta e da espécie humana estarão cada vez mais presentes no nosso quotidiano, condicionando o nosso pensamento, as nossas decisões, as relações económicas, sociais e políticas em todas as regiões do mundo.

A consciência coletiva deste momento extraordinário vai ganhando forma e sentido crítico particular no Ocidente, onde a “ideia de crise” se instalou definitivamente, numa surpreendente mutação em cadeia - da crise financeira à crise económica, social e política, da crise geopolítica à crise antropológica e ecológica.

Não é de estranhar que seja aqui, na Europa e nos EUA, no Ocidente em crise, a quem coube o domínio do sistema internacional nos últimos cinco séculos, que surjam os principais sinais das mudanças que em profundidade vão definindo os contornos de um novo mundo - pós-ocidental, ou pós-humano.

**A consciência coletiva deste momento extraordinário vai ganhando forma e sentido crítico particular no Ocidente, onde a “ideia de crise” se instalou definitivamente, numa surpreendente mutação em cadeia**



Pode parecer inusitada esta introdução a um simples prefácio de uma edição comemorativa dos 25 anos da Associação dos Farmacêuticos dos Países de Língua Portuguesa (AFPLP). Contudo, não é possível falar das coisas do mundo hoje, e é disso que me pedem para falar, sem ter em conta a situação verdadeiramente excepcional em que nos encontramos, perante uma agenda existencial que, das alterações climáticas à proliferação nuclear ou às implicações do desenvolvimento da inteligência artificial, nos confronta com problemas que põem em causa a generalidade dos sistemas que têm garantido o secular progresso da humanidade. Por outro lado, qualquer reflexão sobre a CPLP, a sua génese e o seu futuro, e é isso também que me pedem, é indissociável do conhecimento do processo histórico da globalização dos últimos quinhentos anos, que se iniciou com a expansão marítima, com os “descobrimientos” dos portugueses e de outros povos europeus.

É importante não esquecer que Portugal esteve na origem deste longo ciclo da história universal que agora se fecha, marcado pela abertura da Europa ao mundo, pelo extraordinário desenvolvimento do comércio internacional, sobretudo depois da revolução industrial, pelos impérios coloniais, pelas guerras civis europeias do século 20 e pela ascensão da grande potência americana.

Ora a CPLP, sendo uma referência histórica desse processo para Portugal e para os países de língua portuguesa, é também um importante legado para o futuro das nossas relações com o mundo emergente.

—

Há algum tempo, numa conferência internacional que discutia o tema das migrações, um emigrante mais exaltado gritava: “nós viemos para aqui porque vocês foram para lá ... para onde queriam que fôssemos ...”.



Sem se interpretar corretamente esta “dependência histórica” associada ao fenómeno migratório que domina a agenda política europeia, será difícil encontrar as respostas adequadas para a complexa problemática das migrações.

Por outro lado, a atual pressão migratória sobre o Ocidente é também o resultado de decisões políticas erradas e de um conceito de “ajuda ao desenvolvimento” que sobretudo depois do fim da guerra fria agravaram os desequilíbrios e os conflitos nas regiões recentemente descolonizadas em África e na Ásia. A designada política de “ajuda ao desenvolvimento”, decorrente do chamado consenso de Washington, que influenciou as opções neste domínio durante os anos 90 e a primeira década do século, acabou por contribuir, em muitos casos, para o enfraquecimento de Estados ainda em construção, não sendo capaz de superar o grave défice de recursos técnicos e humanos, a fragilidade das instituições, a ineficiência da ação governativa, a degradação social e o ciclo vicioso da pobreza.

Os movimentos de refugiados e migrantes que se deslocam em massa para a Europa e para a América são também o resultado do rotundo fracasso dessa política.

—

Esta situação, bastante complexa, pode ser referenciada no espaço geopolítico da CPLP, que se estende pelos principais continentes, Europa, África, Ásia e América, e com estados-membros em estádios de desenvolvimento muito diferentes. Estados frágeis, falta de quadros, instituições débeis, muitas dificuldades políticas e mesmo, num ou outro caso, instabilidade crónica e conflitos permanentes, alimentando o ciclo da pobreza.

**...a CPLP, sendo uma referência histórica desse processo para Portugal e para os países de língua portuguesa, é também um importante legado para o futuro das nossas relações com o mundo emergente.**

**...esta cooperação tem tido um papel relevante na animação de verdadeiras redes de interação institucional, social e humana que fortalecem o sentido da comunidade supranacional em formação à volta do conceito histórico da CPLP.**

Portugal, como país de economia desenvolvida, conduziu a sua política de cooperação ao longo das últimas décadas de acordo genericamente com aquelas orientações. Contudo, é possível reconhecer um certo desalinhamento, decorrente de dinâmicas e movimentos da sociedade civil e das suas instituições, das igrejas, dos municípios, de inúmeras organizações não-governamentais e de muitas empresas, em interação directa com as sociedades africanas. Estas

dinâmicas são anteriores à própria formalização da política de cooperação e só se podem entender à luz das circunstâncias próprias dos nossos processos de colonização e descolonização e da malha estreita de relações sociais e institucionais fabricada e mantida depois da independência das colónias africanas. A persistência desta cooperação, relativamente desalinhada, tem sido um fermento riquíssimo da CPLP, entendida como comuni-

dade de povos e de culturas que está para além da organização política que a representa na frieza formal, distante e burocrática que caracteriza sempre estas organizações.

O exemplo relatado nesta edição do surgimento da AFPLP, que antecipou a própria criação da CPLP, da sua expansão em termos de relações institucionais e humanas e o seu contributo para o aperfeiçoamento das condições técnicas do sector farmacêutico nesses países, é bem revelador da importância desta cooperação.

A par de muitos exemplos na área da saúde e em outros sectores, esta cooperação tem tido um papel relevante na animação de verdadeiras redes de interação institucional, social e humana que fortalecem o sentido da comunidade supranacional em formação à volta do conceito histórico da CPLP.

Voltando ao tema das migrações, é reconhecido que em Portugal, pelo menos até agora, o tema não adquiriu a densidade e importância política que tem hoje na generalidade dos países europeus, em particular nos que tiveram impérios coloniais. Diferentes justificações podendo ser adiantadas para este excepcionalismo português, não deve ser subestimada a importância que tem assumido a cooperação institucional, que se desenrola na esfera das respetivas sociedades civis, para a progressiva criação de uma identidade comunitária, em contraponto com as identidades nacionais respetivas que nos aproxima do “outro”, dos “outros”.

Luís Amado